

O CORPO E O CONTROLE DA NATUREZA NA CONTEMPORÂNEIDADE: POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA

THE BODY AND THE CONTROL OF NATURE IN CONTEMPORANITY: POSSIBLE IMPLICATIONS FOR TEACHER EDUCATION IN PHYSICAL EDUCATION

Guenther Carlos de Almeida 

Instituto Federal de Goiás, Campus Inhumas
Inhumas, GO, Brasil
guenther.almeida@ifg.edu.br

Resumo. O corpo se torna objeto de intenso estudo e investigações com a aurora da modernidade. Todavia, antes não era objeto de indiferença. Mesmo com a negação dos prazeres corporais que a idade média empreendeu, o corpo era objeto de atenção e normatização, sendo compreendido em uma dupla significação, o sagrado e o profano. A relação corpo e natureza ganha contornos diferentes com o nascer da ciência moderna, ensejando novas dualidades, entre a matéria e o espírito ou a psique. Tais dualidades produziram nas práticas corporais e nas concepções de corpo significados duradouros e persistentes. A Educação Física como área de conhecimento e intervenção que tem na cultura corporal seu objeto privilegiado, herda e ressignifica tais concepções, reproduzindo ou rompendo com práticas e entendimentos dualistas da relação corpo e natureza. Este ensaio busca discutir as relações entre corpo e natureza bem como suas implicações para a formação do campo acadêmico e profissional da Educação Física. Buscamos refletir sobre as construções histórico-sociais sobre o corpo, especialmente as centradas nos aspectos biológicos. Entendemos que a relação corpo natureza é um importante ponto de compreensão das singularidade e continuidades sobre as concepções de corpo. Dessa maneira empreendemos uma análise qualitativa, histórica e sociológica centrada em autores que elucidam essas questões, como: Corbin, Courtine e Vigarello (2010), Gélis (2010), Suassuna et al. (2005), Vaz (1999), Csordas (2008) e Le Breton (2003). Com base nos elementos discutidos pelos autores, identificamos rupturas e continuidades em relação à concepções e práticas com o corpo, permanecendo uma apetência pela cisão entre corpo e espírito/mente.

Palavras chave: corpo; natureza; formação docente em educação física.

Abstract. *The body becomes the object of intense study and investigations with the modernity. But he was not the object of indifference. Even with the denial of the bodily pleasures that the average age undertook, the body was object of attention and normalization, being understood in a double meaning, the sacred and the profane. The relation body and nature gains different contours with the birth of modern science, giving rise to new dualities, between matter and spirit or psyche. Such dualities have produced enduring and persistent meanings in bodily practices and body conceptions. Physical Education as an area of knowledge and intervention that has in the body culture its privileged object, inherits and re-signifies such conceptions, reproducing or breaking with dualistic practices and understandings of the relation body and nature. This essay seeks to discuss the relationships between body and nature as well as its implications for the formation of the academic and professional field of Physical Education. We seek to reflect on the social-historical constructions on the body, especially those centered on biological aspects. We understand that the relationship body nature is an important point of understanding the uniqueness and continuities on the conceptions of body. In this way we undertake a qualitative, historical and sociological analysis centered on authors who elucidate these questions, such as: Corbin, Courtine e Vigarello (2010), Gélis (2010), Suassuna et al. (2005), Vaz (1999), Csordas (2008) and Le Breton (2003). Based on the elements discussed by the authors, we identify ruptures and continuities in relation to conceptions and practices with the body, remaining a desire for the split between body and spirit/mind.*

Keywords: *body; nature; training in physical education.*

INTRODUÇÃO

Olhar para o corpo na contemporaneidade é sem dúvida descobrir diversos discursos sobre o mesmo, que revelam ao mesmo tempo ambivalências e dualismos conformando entendimentos e práticas. O importante é notar que tais discursos não surgem de maneira espontânea e desinteressada, são nas tensões produzidas socialmente que as concepções tanto de corpo como de técnicas e práticas corporais são forjadas na dinâmica de incorporação ou de refutação. Sendo assim, os olhares e práticas contemporâneas com o corpo são uma síntese histórica de diversos entendimentos sobre esta temática, que guardam resquícios e similaridades com a antiguidade clássica, a idade média e a modernidade.

Na esfera das ambivalências é possível levantarmos diversas colocações. Ao mesmo tempo em que o corpo é desejável sob o ponto de vista da busca por uma melhor composição corporal e forma exterior, parece este mesmo corpo ser indesejável motivando uma busca que parece ser infundável por um ideal de corpo, necessitando sempre ajustes diversos e diferentes intervenções que transitam entre a medicina, a Educação Física, as cirurgias, revelando uma profunda paixão pelo corpo ao mesmo tempo de uma profunda insatisfação com seu estado.

No rol das dualidades parece-nos que as oposições mais fortes e latentes presentes no mundo contemporâneo ainda são a oposição entre sagrado e profano e a oposição entre corpo e mente. Parece-nos que a dualidade sagrado e profano não se manifesta de maneira idêntica à tão conhecida no período da idade das trevas, porém esta ganha ainda os contornos especiais especialmente nas práticas relacionadas à sexualidade e a homossexualidade. Já na oposição corpo e mente, o advento da suposta sociedade do conhecimento mantém o corpo em um estágio inferior ao da mente e sua capacidade intelectual, nesta esteira as práticas corporais ou mesmo o cuidado com o corpo seria um esforço compensatório contra a mortificação da matéria.

Percebemos que o entendimento cartesiano sobre o corpo, restrito à sua materialidade, perpetua “A representação do corpo como uma máquina, traduzida em seu funcionamento pelas leis da mecânica newtoniana” (SILVA, 2006, p. 25). Esta autora apresenta que tal entendimento do corpo deixa marcas profundas que se manifestam, inclusive contemporaneamente, no método científico de estudo do mesmo. Tal afirmativa pode ser facilmente percebida no volume de periódicos, artigos, programas de pós-graduação no campo acadêmico da Educação Física, em que há uma hegemonia das ciências positivas biológicas.

Assim, revela-se um acirramento do movimento de conhecimento e controle da natureza humana. Movimento este que ganha corpo na virada moderna e tem balizado muitos estudos sobre o corpo na contemporaneidade.

A intenção deste ensaio é discorrer brevemente sobre este processo de controle da natureza, bem como suas manifestações na formação docente em Educação Física. O diálogo se dará especialmente com os autores: Corbin, Courtine e Vigarello (2010), Gélis (2010), Suassuna et al. (2005) e Vaz (1999) para o debate sobre o controle da natureza e do corpo na virada da modernidade; com Csordas (2008) e Le Breton (2003) para a discussão sobre as formas contemporâneas de controle da natureza, e por fim com Vaz (1999) e Lüdorf (2009) para pensarmos as implicações destas transformações para a formação em Educação Física.

A importância deste entendimento se faz necessária uma vez que a Educação Física tem-se configurado uma área que intervém diretamente no corpo e suas práticas, assim como tem formado diversos professores para atuarem não só com o trato com o corpo como para a reflexão sobre o mesmo.

A RELAÇÃO CORPO E NATUREZA NA TRANSIÇÃO DA IDADE DAS TREVAS À MODERNIDADE

Nossa intenção inicial neste tópico é abordar de maneira breve as tensões e consequências da virada moderna no entendimento do corpo em sua relação com a natureza. Dessa maneira iremos fazer breves apontamentos sobre alguns entendimentos do corpo na idade média para que seja possível contextualizar e compreender as dimensões da mudança proporcionada pela modernidade.

Partindo da análise do corpo na idade média, é importante lembrar que este período histórico era dominado pelas forças da nobreza e da igreja católica. Isso significa dizer que estes estabeleciam domínio sobre as relações econômicas, sociais, culturais e de produção de conhecimento sobre a realidade.

O corpo também é alvo da influência do catolicismo que projeta a visão dualista de santidade e profanação sobre as práticas do corpo. É importante localizar que o controle, a produção de representações e a orientação a respeito de práticas corporais ainda são ações atuais de diversas religiões, incluindo a católica, e em alguma medida exercem forte influência atualmente nos sujeitos na contemporaneidade. É nesse sentido que

Não que se deva ignorar a influência persistente dos referenciais religiosos: a hierarquia entre as partes “nobres” do corpo e as partes “julgadas indignas”, o pudor orientado para o que agrada a Deus (CORBIN; COURTINE; VIGARELO, 2010, p. 9).

Ao abordar a relação da igreja com o corpo, Gélis (2010) afirma que a igreja viveu um movimento de ambivalência na sua compreensão. Por um lado em algum momentos o corpo é potência, santificado, magnificado, expresso como corpo de Cristo, e por outro, especialmente na contra-reforma, é o corpo tentador, canal de fraqueza e lugar de perdição do homem.

Gélis (2010) mostra que o corpo, neste período, era carregado de tal dupla valoração sendo visto positivamente quando era eleito para carregar em si as chagas de Cristo com um claro e santo sinal de eleição divina. Torna-se singular apontar que os sinais miraculosos não provinham de feitos corporais maravilhosos, mas sim eram sinais latentes e exteriores de uma profunda fé e comunhão com o divino. A relação com o corpo de Cristo, o santo, é projetada não só nas cinco chagas de Jesus, mas também em objetos como o sudário e a hóstia que manifestava a comunhão do corpo de Cristo.

Ao mesmo tempo, o corpo carregava também a presença mortificadora do pecado e em si poderia ser também vetor do poluo. Enquanto matéria era propício tanto à perdição orgânica, quanto à condução aos pecados dos prazeres. Neste panorama, Gélis (2010) aponta que cabia ao corpo diversas práticas que causavam o sofrimento, tendo estas a finalidade de pela dor purificar o corpo, controlar a carne e dominar pelo espírito a matéria. Dentre estas, o autor aponta a escassez alimentar proposital, as macerações e diversas doenças.

É notório elucidar que os que conseguiam dominar o corpo por meio da elevação espiritual possuíam um reconhecimento social frente a comunidade, especialmente religiosa, sendo que uma vez domada a natureza pecaminosa o espírito está apto a prevalecer.

O domínio da natureza pelo controle dos determinantes biológicos como a dor, a fome e as doenças mostra o empreendimento da idade média de controle das dinâmicas do prazer, do bem estar do corpo. É fato que, ainda não é mediado pelo rigor científico que posteriormente a sociedade burguesa iria aplicar, porém, com o delineamento cristão e com base na fé os corpos buscavam o domínio de suas naturezas humanas em direção ao aperfeiçoamento espiritual.

Os traços cada vez mais evidentes mostravam a clara separação estabelecida pelo cristianismo católico entre corpo e espírito. E no corpo, essa separação se manifestava em partes ou membros sagrados e partes profanas. A cabeça era santificada, pois esta é quem comanda o corpo assim como Deus comanda seus filhos produzindo inteligência e pensamentos elevados, em direção a Deus. Os demais membros atuam como auxiliares no processo de elevação ao divino, sendo impossibilitada a satisfação de prazeres do próprio corpo (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2010).

Como podemos perceber a separação dualista da compreensão do corpo também se fazia presente na idade das trevas, porém como uma oposição entre corpo e espírito projetando uma oposição fundamental entre coisas e práticas humanas e coisas e práticas divinas.

Na virada moderna iremos perceber que alguns entendimentos a respeito do corpo se alteram, porém, as dualidades e ambivalências permanecem ganhando novas faces e contornos.

Suassuna et al. (2005, p. 24) afirma que “A modernidade ocidental, revestida de uma crescente racionalização instrumental de controle da natureza, cindiu o homem em corpo e espírito, assegurando-lhe concretude ao físico/corpóreo.” No entanto, tal controle por meio do avanço de métodos e técnicas no processo de industrialização significou, na realidade, o descontrole do homem sobre a natureza, fato este que obstaculizou a compreensão da relação do próprio seu corpo e da natureza.

É então no seio das transformações sociais protagonizadas, especialmente, pela mudança da ordem econômica feudal para capitalista burguesa e pela fonte dos conhecimentos na igreja para o desenvolvimento da ciência, que é forjada a modernidade.

A ascensão burguesa em direção ao poder, não inaugurou apenas as tensões político/econômicas da burguesia com o poder da nobreza e da igreja outrora instituídos, mas também foi base significativa para uma nova compreensão do homem.

Tendo como panorama a modernidade, Suassuna et al. (2005) afirma que as bases de sustentação da relação corpo e natureza são rompidas. Tal feito se apresenta devido ao empreendimento do homem em controlar a natureza. Como agenda para esse empreendimento estava o aperfeiçoamento de instrumentos, técnicas e máquinas que permitiriam que o controle anteriormente citado ganhasse eficácia.

É por meio da razão que a modernidade empreende o controle sobre a natureza tendo na ciência as bases objetivas para a concretização desta relação de dominação. Vaz (1999) afirma que o domínio da natureza está intimamente ligado à própria sobrevivência humana. Porém, o controle empreendido na modernidade é baseado em uma razão instrumental, razão esta responsável pela sustentação da cisão entre corpo e espírito.

Vaz (1999) aponta que na noção de razão moderna instrumental está ancorada no controle do desconhecido e o medo nele contido. Nessa esteira “o sentido da ciência, ao tentar levar ao limite aquilo que chamamos de racionalidade, é, dito de forma geral, desencantar o mundo” (idem, p. 90). Na modernidade emerge uma mudança na visão de corpo. Este, que era antes visto como profano ou só com o intuito de produzir coisas espirituais e superiores, agora é estudado em sua forma material, dissecado, analisado em formas humanas. Assim sendo, o corpo é “caracterizado na modernidade por meio de aspectos biológicos, o corpo é parte do conteúdo estudado por uma ciência secularizada que assume os pressupostos do dualismo cartesiano, [...]” (SUASSUNA et al., 2005, p. 30).

A visão que o corpo assume na modernidade descentraliza o determinismo divino e imaterial, focalizando o determinismo biológico. A busca moderna passa então pelo controle da natureza pelo homem, Suassuna et al. (2005).

Para esta nova compreensão do corpo e a necessidade do controle da natureza, há um resgate da noção de corpo como máquina. Tal compreensão é consequência da definição de cogito de Descartes, esta definição despoja o valor do corpo, este é encarado como um “invólucro mecânico” passível de separação entre corpo e subjetividade, corpo espírito, ou então essência e aparência, Le Breton (2003).

Neste contexto o corpo é alvo de práticas de quantificação com o objetivo de medir e educar o corpo para a produção. A emergência do controle, inclusive quantitativo, do corpo possibilita o aumento da exploração da força do trabalhador e assim, a maximização do lucro econômico “o corpo perde aí seus velhos encantos para um novo regime de imagens: aquelas que privilegiam as leis da física hidráulica, a lei dos líquidos e dos choques, a força do sopro do vento, o sistema das engrenagens ou das alavancas.”, Corbin, Courtine e Vigarello (2010, p. 08).

Sob o paradigma da ciência moderna, Suassuna et al. (2005, p. 27) afirma que

O controle sobre a natureza consistiu no grande fundamento da ciência ocidental moderna ou ciência secular. [...] As categorias corpo e natureza são apresentadas sob uma tensão, o que sugere não apenas a existência de uma dualidade, mas emerge a ponto de assumir um caráter de conflito. Corpo significando o material, e natureza sendo reportada a algo que está além do corpóreo, portanto, está relacionada ao imaterial, [...].

Está sedimentada a oposição fundamental entre corpo e mente que acaba por delegar ao corpo apenas as características materiais e por estas ele passa a ser conhecido.

A REINVENÇÃO DO CONTROLE DA NATUREZA: O CORPO EM CONTEXTOS DE EVOLUÇÃO CIENTÍFICO-TECNOLÓGICA

Na aurora do séc. XXI muitas foram as mudanças sociais, crises econômicas e evoluções tecnológicas. Seria leviano afirmar que as representações de corpo estão inalteradas reproduzindo entendimentos da idade média e do efervescer moderno, porém, seria ingênuo também afirmar que o que pensamos sobre o corpo é completamente diferente ou que não carrega uma herança cultural destes movimentos históricos.

Podemos ver que atualmente o corpo é tema de discussões que envolvem diversas áreas, entre elas em especial a biotecnologia (genética, clonagem), a robótica (hibridismo homem/máquina) e a computação gráfica (avatars, animações).

Iremos nos debruçar aqui sobre duas das discussões sobre o corpo e estes novos processos de controle da natureza: o processo de controle associado à computação gráfica e o processo de controle associado à biotecnologia.

As mudanças contemporâneas na compreensão sobre o corpo ensejaram, especialmente a alguns intelectuais, uma busca por compreender de maneira aprofundada esta temática e sua relação com a corporeidade, bem como a maneira de nos aproximarmos e compreendermos tais discussões. Csordas (2008) advoga de imediato que compreender a corporeidade deve ser um esforço de provocar o colapso entre dualidades. Apoiado em Merleau-Ponty e Bourdieu este autor irá problematizar especialmente a dualidade entre corpo e mente, defendendo que esta separação não só é uma tarefa difícil, ou até mesmo, em muitas vezes, impossível.

Csordas (2008) afirma que o corpo, segundo a orientação de Merleau-Ponty, é configurado em sua relação com o mundo. Portanto, essa distinção entre cognição e percepção, entre corpo e mente não cabe neste paradigma da corporeidade, uma vez que o corpo é o lugar de síntese do mundo. O autor insiste que a fenomenologia preza por uma realidade objetiva indeterminada em que o corpo seja a base e síntese da cultura. O corpo é a base existencial da cultura.

É neste sentido que este autor irá defender a idéia de que analisar o corpo somente pela representação que este assume é insuficiente, uma vez que o corpo é também o ser-no-mundo, ou seja é o próprio ser humano. Logo, a dualidade corpo e mente torna-se insustentável considerando que a atividade de ambos é balizada pela inserção cultural do próprio homem no mundo.

Neste contexto de discussão, Csordas (2008) apresenta que o corpo adentra o ciberespaço e nele habitam três tipos de seres, os simulóides, os avatares e os sombras. Para o autor, estes três seres se inserem, ou se interseccionam na realidade virtual e/ou no ciberespaço, quando estes se encontram, as possibilidades de criação e recriação do humano se ampliam.

Para Csordas (2008) os simulóides são imagens de pessoas que não existem e que são controlados por softwares, possuem interação, porém são autônomos aos humanos, isto é, não são comandados diretamente por humanos.

O autor classifica os Avatares como projeções humanas vivas em pessoas digitalizadas, são totalmente controladas por sujeitos humanos que lhes imprimem as características que quiserem. Estes podem ser analisados como: uma representação de uma pessoa; uma extensão cibernética de uma pessoa; a projeção de uma pessoa no ciberespaço; ou uma fase variante ou versão de uma pessoa.

E por fim, as sombras são reconstruções de humanos que não estão vivas, como é o caso do “humano visível” que não tem autonomia uma vez que é uma imagem de alguém que não está mais vivo, é uma reanimação. A propósito, foram as sombras, especialmente, que possibilitaram a construção do humano na virtualidade de maneira mais precisa alargando as combinações virtuais do corpo.

Inicialmente utilizadas em universidades para formação de trabalhadores na área da saúde, as sombras são fruto de um projeto da Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos da América com a Universidade do Colorado, denominado Humano Visível, em que foram desenvolvidas imagens do corpo humano via diagnósticos de imagem e cortes de corpos reais. Tal mapeamento foi possível graças à participação de alguns sujeitos como um homem condenado à morte e uma mulher voluntária, que teve morte por causas naturais. Seus corpos foram seccionados e fotografados.

É interessante apontar que tal projeto caminha em direção ao anseio moderno de conhecer o corpo, de escrutinar toda e qualquer parte possível. É atraente apresentar que quanto mais desenvolvida se torna a razão instrumental, maior ou mais aprofundada é a apetência em codificar de maneira objetiva e matemática o corpo.

O projeto humano visível, as sombras, representa de maneira exemplar tal vontade. O homem cujo corpo foi utilizado para se tornar o primeiro cadáver virtual, foi seccionado em 1878 partes, fato este que não havia sido realizado pela dissecação anatômica, feito que demonstra o tamanho da aspiração de conhecer de forma pormenorizada cada “canto” do corpo humano. Já a mulher representa a maximização desta vontade, esta fora seccionada em 5189 partes, ou seja, quase três vezes mais do que o homem.

O interessante é que nesta situação se reafirma o que Vaz (1999) apontou, a ciência se esforça até hoje para levar ao limite mais elevado a racionalidade, normalmente instrumental, busca com todas as forças e de todas as formas a desmistificação do mundo, controlar o desconhecido e o incontornável. É importante anunciar que neste caso, mapear as mais longínquas e desconhecidas partes do corpo humano é sim um esforço de conhecer o incógnito da natureza biofísica humana, o seu funcionamento e dinâmica interna. Os órgãos, o sangue, os músculos são convertidos em bytes e pixels imortalizando o controle humano sobre o corpo.

Le Breton (2003) apesar de analisar outro projeto que envolve a biotecnologia, o projeto Genoma, inicia suas inferências exatamente das considerações apresentadas no parágrafo anterior. O autor problematiza o alinhamento que determinados cientistas fazem ao traduzir o corpo em informações biológicas que podem ser comparadas com qualquer ser vivo.

Tal reducionismo biologicista é constantemente comparado com informações informáticas, o que consolida uma análise do corpo sob a ótica mecânica do biológico, ignorando ou retirando do homem, sua vida e inserção sociocultural.

Le Breton (2003) apresenta que o projeto genoma é uma tentativa especialmente da biologia genética de traçar e conhecer todos os caminhos genéticos do homem. Isso implica em compreender não só as partes que determinam as características humanas, assim como doenças raras, mas também intervir no comportamento humano a fim de cancelar um modo de vida baseado nos genes.

O empreendimento de controle da natureza chega à um estágio da microbiologia, nos ácidos desoxirribonucleicos (DNA), buscando não só o conhecimento do corpo, mas com a pretensão de determinar e intervir em doenças e comportamentos presentes no material genético.

O que Le Breton (2003) aponta como problemático é a consideração de que o gene irá “governar” nossa vida, comportamento, modo de ser, etc. Apesar dos cientistas não afirmarem que as características internas ao homem determinam como ele é e será (determinismo biológico) há um esforço em moldar o comportamento aos determinantes biológicos. O autor aponta que estes diminuem o valor da cultura e da sociedade na formação inclusive biológica do homem, uma vez que determinadas células e genes só se desenvolvem de maneira plena em conformidade com a interação sócio-cultural do sujeito. “O comportamento, sim, é determinado culturalmente; só tem a ver de maneira distante e trivial com a biologia, só com relação a formas particulares de integrismo genético.” (idem, p. 106).

Le Breton (2003) elucida o mito que se tornou o gene. E na sociedade americana esta mitificação parece ir ao extremo, é o gene da ternura, da competência, das mulheres e dos homens, dos negros e dos brancos, dos inteligentes e dos burros. Enfim o discurso genético é amplamente difundido na mídia, nos discursos sobre o projeto genoma e valorizado por uma minoria de pesquisadores que fazem tal advocacia.

Há então para este autor um fatalismo genético contido neste discurso que localiza muito bem os sujeitos dentro dele, assim as diferenças sócio-culturais e econômicas são ou deveriam ser adequações dos sujeitos ao seu material genético. Para os geneticistas adeptos a esta corrente, a dinâmica da cultura e da política seriam embasadas na dinâmica genética dos sujeitos, como afirma Le Breton (2003, p. 113) “segundo eles, a política deveria ser apenas uma genética aplicada. O biólogo é promovido a moralista dos tempos modernos, ou melhor, à escrivão do inelutável dos comportamentos.”

Em suma: “Para o integrismo genético, o comportamento humano se oferece como o desdobramento social e cultural de uma maquinaria genética” (idem, p. 112). O desenvolvimento social estaria assim subsumido a características genéticas e as ordens sociais e morais deveriam obedecer aos determinantes genéticos.

O que observa-se nesta argumentação de Le Breton (2003) é que a apetência de conhecer o mais íntimo do ser humano, sua genética, empreendeu dois movimentos concomitantes, o do controle da natureza e do controle político-econômico.

O controle da natureza vem com uma aceitação indiscutível pelo mapeamento dos genes. A identificação de possíveis genes problemáticos é possível não só o homem identificá-lo, mas também corrigi-lo. É notável a aversão que ainda cultivamos do nosso corpo, temos ainda uma contínua necessidade de alterá-lo.

Tal aversão e controle da natureza, por meio dos estudos da genética, vem sob o discurso quase que infalível da saúde, seja pela prevenção, seja pelo tratamento de possíveis doenças. Porém, é importante lembrar o que Le Breton (2003) elucida, de que não há garantias de que determinadas doenças irão se manifestar, uma vez que algumas delas só revelam-se em determinadas condições ambientais que muitas vezes os sujeitos não possuem.

Já o controle político-econômico é efetuado quando determinada população é identificada geneticamente como intelectualmente inferior, ou bio-fisiologicamente superior. E com estas diversas determinações é possível estratificá-las justificando as desigualdades, ou propensão à posições elevadas ou inferiores na sociedade pelo material genético que esta carrega, como assinala Le Breton (2003, p. 126):

Embora seja em princípio protegida em inúmeros países, a informação estocada dessa maneira não está completamente fora do alcance das companhias de seguro, do governo, das escolas, das empresas etc. O indivíduo assimilado às suas propriedades genéticas corre o risco da exclusão. Uma discriminação genética pode dirigir uma política de formação, a admissão em uma empresa, o nível de cidadania ou a liberação de uma política de seguros etc. Os pedidos das empresas de dados genéticos de seus funcionários permitiriam garantir empregos a menor custo no caso de serem escolhidos apenas aqueles cujos prognósticos de saúde são favoráveis.

O autor ainda aponta que há uma corrida econômica que não é pelo descobrimento de genes de determinadas doenças ou capacidades físicas relacionadas à saúde, não pelo desenvolvimento da ciência e melhoramento da qualidade de vida humana, mas pelo patenteamento de tais genes o que poderia resultar em lucros posteriores com a fabricação de medicamentos ou com a implementação de tratamentos.

A título de síntese o controle da natureza pela biotecnologia e a projeção computacional do corpo mantiveram a ambivalência do controle da natureza do corpo. Por um lado têm a possibilidade de melhorar a vida humana, seja no tratamento de doenças já manifestadas, seja na simples projeção do corpo na virtualidade possibilitando a apreensão de conhecimentos a estudantes das áreas da saúde. Porém, parece continuar hegemônica e latente a compreensão do corpo somente por seu viés biológico.

Parece que as cisões entre corpo e mente, biológico e cultural, não estão resolvidas na virada do séc. XXI, tão longe estão de se aproximarem harmonicamente. Há ao contrário um grande temor do desenvolvimento de uma eugenia velada pelo discurso do avanço biotecnológico e da saúde, acirrando as dominações sócio-políticas de grupos ou classes.

É neste contexto de dualidade e ambivalências que a discussão do corpo é feita na sociedade contemporânea e que sem dúvidas perpassa nas entranhas da formação profissional em Educação Física e Ciências do Esporte.

O CONTROLE DO CORPO POR MEIO DO CONTROLE DA NATUREZA: IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

Entende-se que a Educação Física e as ciências do esporte tem assumido na sociedade contemporânea papel significativo no avanço dos estudos e técnicas de controle da natureza. Obviamente o trato dado ao

corpo por esse campo do conhecimento reflete em parte as construções históricas que cerceiam o entendimento sobre do mesmo.

Sintoma deste processo está manifesto nas diversas práticas corporais e seus usos. Ao apontar que a lógica do sacrifício é a principal que opera o controle da natureza manifesto no corpo, Vaz (1999) afirma categoricamente que o esporte não só partilha tal lógica como desenvolve um conjunto de conhecimentos para sua operação.

As aspirações pela construção de um corpo adequado à modernidade, se manifestaram não só nas técnicas corporais forjadas para tal tarefa, mas também no conjunto de saberes construídos/apropriados que embasarão tal empreendimento.

É possível perceber que o controle da natureza, manifesto no esporte, é disseminado não sem propósito pelo preceito do rendimento. A eficiência é a parceira imediata do esporte, é ela que norteia a classificação das técnicas de maneira extremamente rigorosa, apontando gestos, tipos de movimento, bem como a maneira correta ou eficaz de se executar tais movimentos. A relação força/tempo é balizadora da busca pela eficácia, ou seja, os movimentos devem ser executados em menor tempo, com maior eficácia e menor força ou gasto energético.

É importante lembrar que para que tal empreendimento seja possível e não se restrinja ao acaso, é necessário matematizar, quantificar qualquer aspecto do corpo. Como fruto da modernidade, a exatidão do entendimento do corpo passa a ser hegemonicamente delimitada pelas ciências positivas, em especial as que têm como foco a biodinâmica.

Para que tal controle seja feito de maneira precisa é preciso um conjunto de saberes que darão base para tais tarefas. É no seio da anatomia, fisiologia e da biomecânica que tais saberes são produzidos, tendo como base sempre o princípio do rendimento. Porém não há uma séria consideração sobre os aspectos do movimento e do corpo que fogem o horizonte conceitual destas ciências. Dessa maneira o corpo perde suas habilidades sócio-culturais para ganhar forma individual e biologicamente determinado.

Como fruto da relação tensionada, a formação em Educação Física herda inúmeras demandas formatadas por esse modo de pensar e agir, não sendo ao acaso que este campo está localizado em diversas universidades (públicas e privadas), juntamente com os campos de conhecimento historicamente vinculados com a medicina e biologia, as ciências da saúde.

Tal vinculação acima apresentada é fruto de uma herança histórica que acompanha a Educação Física desde muito tempo e tem conformado sua maneira de ser. Podemos afirmar com base em Soares (2007), que a Educação Física é filha da medicina com o militarismo. Estas duas instituições legaram à educação do corpo tanto o olhar biologicista, pautado em uma concepção positivista de corpo, quanto um olhar eugênico/tecnicista, que buscava o corpo mais forte e ágil.

Tendo como perspectiva os aspectos anteriormente apresentados, Lüdorf (2009) em pesquisa realizada em um curso de formação de professores em Educação Física, afirma que apesar deste curso ter como eixo comum e referencial teórico a filosofia, as discussões sobre o corpo oscilavam entre caminhos sociológico-filosófico e fisiológico-biomédico. Tal afirmação revela a íntima relação do campo da Educação Física com as ciências biológicas, apesar de possuir um referencial filosófico as discussões sobre o corpo assumiam em um determinado momento caminhos com base na fisiologia.

Longe de reforçar a dualidade entre biológico e social no entendimento do corpo, esperamos que as discussões sobre o corpo e o empreendimento de controle da natureza explorado pelas ciências duras provoquem um olhar relativizado da relação entre o corpo e a natureza, ancorada na discussão realizada pelas ciências humanas e sociais.

É notável que tal movimento se inicia na década de 80 e ganha força ao longo destes 32 anos, porém, o avanço aparenta ter chegado à uma abordagem multidisciplinar do corpo em que diversas ciências explicam o mesmo, entretanto não dialogam entre si. É necessário partirmos para um olhar interdisciplinar sobre a relação corpo e natureza, afim de que o diálogo entre as diversas ciências da Educação Física aconteça e possamos caminhar para uma abordagem do corpo que supere os dualismos.

Ainda mais, é imperativo ao campo acadêmico da Educação Física, por meio da formação profissional, desvendar aos futuros docentes que o corpo é uma construção biológica, psicológica e social que é forjado na cultura. E em meio a uma cultura do culto, em que a aparência por si só materializada em uma busca irresponsável pela beleza, a figura do professor de Educação Física não deve se limitar à prescrição matematizada de treinos e programas, mas de uma ação crítica frente às produções e reproduções do corpo na sociedade hodierna.

UM ESBOÇO DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amado e odiado, bom e mau, é certo que o corpo assume e modifica diversas dualidades e ambivalências. Desde a idade média até os dias atuais o olhar sobre o corpo parece estar fragmentado e parcializado.

Diversas são as demandas direcionadas ao estudo da relação corpo e natureza, ainda mais a que buscam a compreensão do corpo como totalidade do humano.

Para tal empreendimento é preciso compreender a natureza como ambiente do próprio corpo, não estranha e alheia a ele. É ela que provém ao corpo as condições materiais de existência e é por meio da interferência nela, para satisfação de suas necessidades, que o homem se produz como ser social. A relação homem/corpo natureza é uma relação de dependência mútua.

A superação do controle da natureza pelo escrutínio das capacidades bio-fisiológicas do corpo, necessita ser operada se esperamos uma nova forma de compreender a corporeidade.

Não são as propriedades bioquímicas do sistema nervoso, ou a potencialidade do sistema ósseo-articular, ou tão pouco as informações contidas em um DNA que irão determinar o que nós seres humanos somos ou o que devemos de fato fazer com nosso corpo.

Compreender que tanto o corpo e sua inserção no mundo é fruto de sínteses biológicas, psicológicas e sociais e não só de uma destas propriedades, torna-se imperativo. Assim como as propriedades bio-físicas do corpo, bem como o empreendimento humano em controlar essa natureza, não dão respostas suficientes sobre o que o corpo é as explicações cunhadas no determinismo social de igual forma não contemplam a totalidade do corpo.

Como afirmam Adorno e Horkheimer (1985), a classificação do corpo por sua composição morfo-funcional é demasiadamente reducionista e esboça estranha apetência pela morte.

Os que na Alemanha louvavam o corpo, os ginastas e os excursionistas, sempre tiveram com o homicídio a mais íntima afinidade, assim como os amantes da natureza com a caça. Eles veem o corpo como um mecanismo móvel, em suas articulações as diferentes peças desse mecanismo, e na carne o simples revestimento do esqueleto. Eles lidam com o corpo, manejam seus membros, como se estes já estivessem separados. A tradição judia conservou a aversão de medir as pessoas com um metro, porque é do morto que se tomam as medidas – para o caixão. É nisso que encontram prazer os manipuladores do corpo. Eles medem o outro, sem saber, com o olhar do fabricante de caixões, e se traem quando anunciam o resultado, dizendo, por exemplo, que a pessoa é comprida, pequena, gorda, pesada. (idem, p. 219)

A relação entre corpo e natureza sob esse ponto de vista deve ser uma relação que compreenda o corpo e o humano como parte integrante e integrada à natureza, mas não como discurso ambientalista, mas, como compreensão ontológica do homem.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- CORBIN, A., COURTINE, J.J.; VIGARELLO, G. Prefácio à História do Corpo. In: COBIN, A., COURTINE, J.J.; VIGARELLO, G. (Org). **História do corpo**: da renascença às luzes. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- CSORDAS, T. J. **Corpo, significado, cura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- GÉLIS, J. Corpo a igreja e o sagrado. In: COBIN, A., COURTINE, J.J.; VIGARELLO, G. (Org). **História do corpo**: da renascença às luzes. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2003.
- LÜDORF, S.M.A. Corpo e formação de professores de educação física. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. v. 13, n. 28, p. 99-110, jan./mar. 2009. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/icse/v13n28/v13n28a09.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2019.
- SILVA, A. M. A natureza da PHYSIS humana indicadores para o estudo da corporeidade. In: SOARES, C. L. (Org.) **Corpo e História**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.
- SUASSUNA, D. et al. A relação Corpo-Natureza na Modernidade. In **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 20, n. 1, p. 23-38, jan/abril. 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/se/v20n1/v20n1a03.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2019.
- SOARES, C. L. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.
- VAZ. A. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: Notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Cadernos Cedex**, ano XIX, n. 48, p. 89-108, ago. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a06.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2019.